

De Gaulle e a Democracia

Raul Pilla

SE o general De Gaulle chegar ao poder, grave perigo correrá a democracia na França. A idade e os netos devem ter-lhe atenuado a tendência cesárea, mas, ainda assim, ninguém pode ter dúvidas de que ele instituirá um sistema de governo forte e pessoal, isto é, mais ou menos semelhante ao presidencialismo americano.

Que sucederá, então, naquêlo grande país, que se vinha restaurando das feridas de uma longa e devastadora guerra? Já não falo na grave repercussão que terá o acontecimento na situação internacional. Desejo considerar somente a política interna.

Um dos fatos fundamentais da moderna história francesa é a profunda divisão, o irreduzível antagonismo determinado na sociedade pela Grande Revolução. Estabelecido, porém, depois da desastrosa guerra franco-prussiana, um imperfeito sistema parlamentar de governo, êste permitiu por oitenta anos, entre as grandes coisas que fez, a convivência dos contrários e assegurou a paz civil num país anteriormente convulso.

Este inavaliável benefício desaparecerá com a reforma constitucional que o general De Gaulle ditará à França, se assumir o poder, como parece provável. Pelo menos sob o aspecto político, haverá um verdadeiro retrocesso. Os contrários não mais poderão conviver e serão lançados à luta sem quartel que já se prenuncia.

Parece que verdadeira fatalidade pesa sobre o grande país latino. Há muito se vinha reclamando ali uma reforma das instituições, para corrigir a incômoda instabilidade ministerial. A solução era apontada por vozes autorizadas no publicismo e na política: o estabelecimento do verdadeiro sistema parlamentar, com o seu característico equilíbrio dos poderes e o fácil recurso à nação em casos de conflito ou situação duvidosa. Entretanto, a reforma sempre reclamada foi sendo postergada, até produzir-se a presente crise. E agora mesmo, que se vê? A julgar pelas poucas informações telegráficas, a reforma que Pflimlin projetava não é a que o bom senso e a experiência universal aconselhariam, isto é, a intauração pura e simples do verdadeiro sistema parlamentar: os antigos preconceitos ainda continuam pesando.

É evidente ser a crise francesa muito mais grave e profunda, do que a de uma simples inadequação do sistema constitucional. É, de fato, uma irrupção do antigo militarismo, consequência natural da última guerra. Mas o que pretendo salientar é que nem esta inadequação se resolverá satisfatoriamente, porque com De Gaulle se irá certamente para um governo autoritário, e sem ele o fantasma do poder pessoal do presidente da República continuará impedindo a verdadeira solução.